

GRUPO DE APOIO À AMAMENTAÇÃO COM MULHERES DA COMUNIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA**Breastfeeding support group with community-dwelling women: experience report**Aida Victoria Garcia Montrone¹, Márcia Regina Cangiani Fabbro², Patricia Bueno da Silva Bernasconi³**RESUMO**

Trata-se de um relato de experiência com mulheres da comunidade na promoção da prática de amamentar. O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar processos educativos no desenvolvimento e implementação de ações educativas para a promoção da amamentação. Trata-se de um estudo descritivo com análise qualitativa dos dados. Participaram quatro mulheres de um bairro da cidade de São Carlos - SP. Os resultados mostraram que o grupo de apoio possibilitou um espaço dialógico e a compreensão de que amamentar não pode ser uma obrigação social para a função materna. A criação de grupos de apoio com mulheres da comunidade, apoiados na educação popular, representa uma ferramenta que possibilita profissionais de saúde e mulheres experienciarem a prática de uma educação libertadora.

PALAVRAS CHAVES: Aleitamento Materno. Enfermagem. Educação em Saúde. Mulheres. Saúde de Mulher. Participação da Comunidade.

INTRODUÇÃO

A educação é uma das principais ferramentas para a inclusão do indivíduo como cidadão na sociedade. Na questão do aleitamento materno, a formação de grupos de apoio à mulher que amamenta pode ser um importante aliado à divulgação desta prática. Ao utilizar recursos

ABSTRACT

This is a report on the experience of community-dwelling women with the promotion of breastfeeding practices. The aim was to describe and analyze the educational processes used to develop and implement educational activities for breastfeeding promotion. This is a descriptive study with qualitative data analysis. 4 women from a neighborhood of São Carlos, SP, Brazil, were enrolled. The results showed that the support group provided a dialogic space for the understanding that breastfeeding cannot be a social obligation of the motherhood role. The creation of support groups with community-dwelling women, supported by popular education, is a tool to help health professionals and women to practice education for freedom.

KEYWORDS: Breast Feeding. Nursing. Health Education. Womens. Women's Health. Consumer Participation.

humanos da própria comunidade para a formação destes grupos estabelecemos uma aliança entre serviços de saúde e comunidade, propiciando uma atuação efetiva dos participantes nas decisões e nas atividades e a continuidade de programas de divulgação da prática de amamentar (MONTRONE, 2002).

A participação de promotores em programas de saúde

¹ Aida Victoria Garcia Montrone, Enfermeira Obstétrica, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Grupo de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos. Docente do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: montrone@ufscar.br

² Márcia Regina Cangiani Fabbro, Enfermeira Obstétrica. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

³ Patricia Bueno da Silva Bernasconi, Enfermeira. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

é designada como um processo que gera responsabilidade pelo próprio bem-estar, uma vez que estes atuam de forma consciente e construtiva (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD, 1988). Vários trabalhos têm mostrado que a participação de promotores/agentes comunitários envolvidos com o propósito de melhorar a saúde de sua comunidade tem resultados positivos quanto ao aumento, por exemplo, da prevalência do aleitamento materno (MONTRONE, 2002).

O aleitamento materno não é um ato totalmente instintivo do ser humano, mas uma construção sócio-cultural determinada pelas condições concretas da vida. O grande desafio é “a capacidade de compatibilizar os determinantes biológicos com os condicionantes sócio-culturais, os quais configuram a amamentação como híbrido natureza-cultura” (ALMEIDA, 1999, p.51).

O que é evidenciado com relação à amamentação é que as mulheres sabem da importância do amamentar, mas, quando se deparam com as dificuldades, acabam por desmamar, pois não possuem os conhecimentos necessários para superá-las. Estes casos poderiam, em sua maioria, serem revertidos se a mãe recebesse o apoio de que necessita no momento adequado e se seus conhecimentos, medos, angústias, mitos e especificidades fossem considerados (MONTRONE, 2002).

Dessa forma, a educação para a promoção, proteção e apoio da amamentação deve considerar aspectos como a motivação, o apoio familiar, a orientação pré e pós-natal, os direitos relativos à amamentação, os conhecimentos, atitudes e habilidades sobre a prática de amamentar. Além destes, a formação de uma cultura favorável à amamentação pode ser incentivada com a formação de grupos de apoio com a própria comunidade.

A formação de grupos de apoio ao aleitamento materno com pessoas da comunidade é um dos passos da Iniciativa Unidade Básica Amiga da Amamentação (IUBAAM). Esta iniciativa tem por objetivo a promoção, proteção e o apoio ao aleitamento materno através da mobilização das unidades básicas de saúde para a adoção dos “Dez Passos para o Sucesso da Amamentação” (OLIVEIRA; GOMES, 2006).

As mulheres trazem saberes sobre a prática de amamentar, advindos do seu convívio e experiências com elas próprias, com a família e nas comunidades em que vivem que devem ser considerados no processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, o educador deve considerar o saber popular o que implica necessariamente o respeito ao contexto cultural em que os processos educativos ocorrem. O ponto de partida são os saberes de experiência que, no

compartilhamento com novos saberes, vão ampliando a visão de mundo de educadores e educandos envolvidos neste processo. “Seu mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo” (FREIRE, 1992, p.86).

Considerando a importância de grupos de apoio ao aleitamento materno, em especial com a comunidade, este trabalho teve como objetivo descrever e analisar processos educativos ocorridos no desenvolvimento e implementação de ações educativas para a promoção da amamentação com mulheres da comunidade.

DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa dos dados. Foi desenvolvido em um Centro Comunitário da cidade de São Carlos - SP. A coleta de dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2006, após ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana da Universidade Federal de São Carlos (CAAE-0073.0.135.000-06).

O trabalho foi desenvolvido em cinco etapas. Na primeira etapa, foi feito um contato com uma enfermeira de uma Unidade Básica de Saúde e com a Coordenadora do Centro Comunitário, ambas do mesmo bairro, para explicitarmos o nosso trabalho. A segunda etapa foi incentivar a participação de mulheres por meio de cartazes, folhetos e convites verbais enquanto aguardavam consulta médica na Unidade Básica ou durante as suas atividades rotineiras no Centro Comunitário. Foram contatadas, também, mulheres que haviam doado leite materno ao Banco de Leite de São Carlos. O grupo foi formado por quatro mulheres entre 15 e 55 anos, sendo três delas casadas e uma solteira, uma estava grávida, uma já era avó, uma era mãe de um bebê de quatro meses e uma não tinha filhos. Das quatro participantes, três tinham a vivência da prática de amamentar. Consideramos vivência quando a mulher já tinha amamentado e experiência quando ela tinha observado outras mulheres amamentando.

A terceira etapa foi a elaboração e implementação de ações educativas de acordo com as expectativas e temas de interesse das participantes. Realizamos um total de cinco encontros durante o mês de outubro e novembro de 2006, com duração em média de 60 minutos cada. Os temas abordados foram: vantagens e importância do aleitamento materno, anatomia e fisiologia da lactação, pega e posição, introdução de líquidos precoces, riscos do uso de mameiras, bicos e chupetas, fissura mamilar, ingurgitamento mamário, pouco leite, ordenha manual, armazenamento

de leite e o funcionamento do banco de leite. Aplicamos, no início e ao final dos encontros, um pré e pós-teste com a seguinte questão aberta: O que você entende por aleitamento materno exclusivo? Além dessa, o teste continha doze afirmações em que as mulheres deveriam colocar se a questão estava correta ou incorreta sobre os seguintes assuntos: mitos relacionados ao aleitamento materno, vantagens da amamentação, riscos do uso de chupetas e mamadeiras, cuidados com a mama durante a amamentação, como amamentar, ordenha manual e armazenamento do leite materno.

Os resultados do pré e pós-teste mostraram que no pré-teste apenas uma das mulheres sabia o que é aleitamento materno exclusivo e, no pós-teste, três souberam responder. Quanto às questões de alternativas, no pré-teste houve 81,2% de acerto e no pós-teste esta porcentagem subiu para 93,7%. Verificamos que as mulheres já possuíam saberes sobre o aleitamento materno através de suas próprias experiências/vivências que foram sendo ampliados no decorrer dos processos educativos.

Nos encontros, buscávamos a troca de experiências/vivências e compartilhávamos conhecimentos com relação à amamentação. A avaliação foi contínua, utilizando dinâmicas de grupo e registro em diário de campo. Para tanto, utilizamos os pressupostos da educação popular que privilegia, no processo de ensinar, o respeito aos saberes e a autonomia do ser educando. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p.59).

Analisando as falas das mulheres durante os primeiros encontros, podemos observar que elas conheciam a importância e as vantagens do aleitamento materno para o bebê, porém elas não apontaram nenhuma vantagem para a mãe. As falas a seguir mostram este achado:

“muito importante, é o primeiro alimento que o bebê irá consumir e tem todos os nutrientes necessários para a criança” (P1)

“eu acredito ser o melhor, é ótimo procuro orientar minhas filhas a isso” (P3)

Isso foi ao encontro dos achados de um estudo realizado em dois hospitais de Viçosa, Minas Gerais, que mostrou que 99,2% das puérperas manifestaram a necessidade de a criança ser amamentada considerando o leite materno o melhor alimento para o crescimento e desenvolvimento da criança. Sobre os benefícios da prática do aleitamento materno para a mãe, 74,8% desconheciam as vantagens

para a mãe (PERCEGONI, *et al.*, 2002). Porém, é importante ressaltar que, nas reflexões e trocas no transcorrer dos encontros, as mulheres conseguiram apontar algumas das vantagens da amamentação para a mãe como a proteção da mulher do câncer de mama e a contracepção natural. Ressaltaram, ainda, o momento de amamentar como um bem emocional para a mãe e para o bebê pela troca de amor proporcionada por esta prática.

Também foi enaltecida pelas participantes a preocupação em serem boas mães e, para isto, apontaram que a amamentação é um momento de doação em que a mãe se entrega em benefício de seu filho independente de suas preocupações ou dor, em um ato de amor e carinho, recebendo como recompensa o bem-estar e a boa saúde de seu bebê. Dentre os sentimentos relatados por estas mulheres em suas vivências ao amamentar seus filhos, destacam-se a felicidade em conseguir amamentar, o sentimento de recompensa após superar as dificuldades e certa tristeza quando o desmame se aproximava, como mostram as falas a seguir:

“é doação de vida, de amor, carinho” (P2).

“no começo só sentia dor, agora vejo como a C. está saudável e sinto muita alegria” (P2).

“(...) não tive problema algum, ficava triste quando ia acabando o leite” (P3).

Neste sentido, o estudo de Nakano (2003) aponta que, para as mulheres, amamentar é a “emblemática de ser uma boa mãe” e também é a fase em que se estabelecem e fortalecem os vínculos afetivos entre a mãe e seu bebê, sendo que “o objeto de seu desejo é corresponder às necessidades do filho, priorizando o seu bem-estar, em detrimento do próprio” (NAKANO, 2003, p.362).

Vários autores, como Nakano (2003), Silva (1990), Adesse (1994), Arantes (1995), Ramos e Almeida (2003) apontam o aleitamento materno, na visão das mulheres, como uma prática carregada de aspectos positivos e negativos, os movimentos de acomodação e resistência, com referência aos sentimentos de solidão e isolamento, em que a ambiguidade entre querer e poder amamentar expressa a valorização social da maternidade e da prática da amamentação como um dom divino, puro e universal o que entra em contradição com as dificuldades desta prática no cotidiano da nutriz como mulher-mãe-profissional.

Assim, torna-se necessário proporcionar espaços de reflexão e trocas que ajudem as mulheres a conhecerem também as vantagens da prática de amamentar para ela, assim como superar dificuldades e/ou problemas que podem

surgir no processo de aleitar, podendo, assim, usufruir do direito de amamentar tornando esta prática um momento de prazer para ambos. O que vai além da alimentação do bebê como destaca uma das mulheres participante do grupo: *“porque sei que é o melhor alimento para ela, é completo, é um momento nosso”* (P2).

A quarta etapa foi a elaboração de atividades educativas de promoção e apoio ao aleitamento materno propostas pelas próprias mulheres. Estas atividades educativas foram realizadas com mulheres gestantes (G) da Unidade Básica de Saúde do bairro e, na Maternidade da cidade, com mulheres puérperas (M). Após a atividade educativa, entrevistávamos as mulheres que participaram destas atividades a fim de compreender qual o significado e a importância atribuída por elas na participação de grupos.

Ao analisarmos as falas destas mulheres, podemos notar que elas sentem falta de atividades como estas e sugerem que a unidade de saúde desenvolva este tipo de trabalho continuamente:

“(...) acho bom, essas reuniões, muito bom, que nem tem mãe de primeira viagem (...) é um incentivo (...) eu falei para C. (enfermeira da unidade) que ela deveria fazer reunião aqui no posto, porque eu vim do Acre, e lá tem reuniões (...)” (G1).

Isto vai ao encontro dos achados de Ramos e Almeida (2003), que revelaram que as mulheres, após o nascimento do bebê, necessitam de apoio de profissionais de saúde, familiares e pessoas próximas durante todo o processo de lactação.

Na ação desenvolvida na maternidade, os relatos revelaram a insegurança destas mulheres frente à prática de amamentar e, ainda, desvendaram muito mais, no sentido de que as dificuldades com a amamentação foram vistas como um problema/deficiência delas. Isto trouxe repercussões negativas sobre a autoconfiança destas mulheres no estabelecimento da amamentação, como mostram as falas a seguir:

“(...) não estou conseguindo amamentar desde ontem por isso estou aqui” (M1)
“Estou com problema, porque ela não está pegando no peito” (M2).

Neste sentido, os resultados da pesquisa de César *et al.* (2004) apontaram que a frustração da mãe que quer amamentar e não consegue é muito grande. Assim, o incentivo ao aleitamento materno, sem que se deem condições para que ele se efetive, pode causar sentimentos de culpa nas

mães, impotentes para remover tantos obstáculos colocados no caminho da amamentação. Também é importante ressaltar a importância do alojamento conjunto no efetivo apoio à mulher que amamenta. Neste sentido, estudo realizado por Souza (2000) apontou a cobrança da equipe de alojamento conjunto nas maternidades que, preocupada com a rotina hospitalar, espera da mulher-nutriz o sucesso no cuidado de seu filho e um bom desempenho no estabelecimento da amamentação em tempo cronológico imposto por esta rotina que pode não condizer com o tempo de cada mulher.

Os movimentos de acomodação e resistência das mulheres frente a essa prática expressam a influência do modelo cultural de mãe, que lhes outorga esse papel, considerando a sua “natureza” hábil à maternagem (NAKANO; MAMEDE, 1999). Em nossa experiência com mulheres que amamentam, quando ela não consegue responder a este modelo, culpabiliza-se colocando nas suas costas o insucesso com a amamentação.

Em relação à continuidade da prática de amamentar, em ambas as ações educativas que as promotoras realizaram, as mulheres ressaltaram que a volta ao trabalho é uma das dificuldades para continuar a amamentar, como mostra a fala destacada a seguir: *“não tive como amamentar por seis meses, voltei a trabalhar e parei”* (G2).

Os resultados do estudo de Silva (2005), com trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública do Estado de São Paulo, demonstraram que o processo de amamentar, para essas mulheres, mostrou-se delineado pelas condições de seus ambientes domésticos, do trabalho ou de estudo. O ambiente físico, as relações entre seus familiares, superiores e seus pares exercem forte influência em sua determinação de manter a amamentação depois da volta ao trabalho.

Os relatos das mulheres que participaram das atividades na unidade básica de atenção à saúde e na maternidade mostraram que a mulher busca por si própria vivenciar o amamentar e procura através das vivências do grupo a melhor forma para a resolução de suas dificuldades. Vale destacar a importância do desenvolvimento de ações pelas equipes de saúde seja na maternidade, seja nas unidades de atenção básica à saúde que propiciem situações que permitam o compartilhar experiências e vivências e o apoio necessário à continuidade desta prática ampliando, dessa forma, os saberes em torno da prática de amamentar. Nos dizeres de Freire (1996, p.47), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A quinta etapa constituiu-se de entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de identificar as percepções

e a vivência das promotoras na participação no grupo. O roteiro das entrevistas continha as seguintes questões: O que você aprendeu com o grupo? O que você ensinou com o grupo? Qual foi o seu sentimento com relação ao grupo? Como foi para você participar desse grupo? Essas entrevistas foram gravadas após a autorização das mulheres e transcritas na íntegra para análise dos dados.

As promotoras relataram ter aprendido novas informações que poderão, no presente ou mesmo no futuro, lhes propiciar um melhor entendimento quanto ao ato de amamentar o seu filho. Para estas mulheres, as aprendizagens ocorridas trazem novas formas de ver e sentir aspectos relativos à amamentação, sejam imediatos ou para o futuro.

“(...) quando eu for trabalhar eu não preciso parar de amamentar, quando eu tiver o meu bebê e for voltar a trabalhar” (P1).

“(...) apesar de ser mãe de sete filhos, muita coisa a gente aprendeu lá” (P3).

“(...) me ajudou a esclarecer algumas dúvidas, me ajudou a amamentar a C. porque eu fui ficando mais calma” (P2).

É somente na comunicação que a vida humana tem sentido. “(...) o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação”. Com isto, o grupo, na troca, se reconhece, pois “o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a este imposto” (FREIRE, 1987, p.64).

Ao questionarmos quais eram as expectativas das mulheres em seu papel de promotoras da amamentação, as mulheres destacam a importância de conhecer as questões relacionadas com a amamentação como uma forma de se ajudar e ajudar o outro, o que evidencia a potência do espaço dialógico entre mulheres e profissionais que passam a existir humanamente, como coloca Freire (1987, p.78), “existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizando aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”. Para estas mulheres serem promotoras da amamentação é:

“me informar sobre a amamentação, como amamentar e a sua importância” (P1).

“aprender muita coisa” (P3).

“espero aprender para conseguir ajudar outras mulheres” (P2).

“para aprender, me sentir mais segura e continuar amamentando” (P2).

Os sentimentos relatados na prática do seu papel de promotora da amamentação revelaram que o exercício da ação educativa se concretiza no fazer, no agir e no sentimento de pertença. Estar com as outras no mundo concretiza o não estar sozinha neste momento tão importante na sua vida.

“(...) gostei muito, na maternidade, foi como se tivesse aula prática, pude ver as mães amamentando seu nenêzinho, me deu muito orgulho de ser mulher, poder ser mãe” (P1).

“(...) eu pensava muito no que falava no grupo, nas minhas dúvidas, no porque que eu deveria estar amamentando, percebi que não estava sozinha” (P2).

Com estes relatos, podemos verificar que o grupo para essas mulheres representou muito mais que um espaço físico onde pessoas se encontravam. Significou apoio, amizade, companheirismo, vínculo, acolhimento e, principalmente, a percepção de que ao partilhar dificuldades e alegrias, dividimos com o outro um pouco de nós mesmos.

Ter as pessoas da comunidade, neste caso, as próprias mulheres, atuando como promotoras de amamentação, possibilitará a continuidade das ações educativas, propiciará uma atuação efetiva das participantes nas decisões e nas atividades, considerando as necessidades de todas as envolvidas. Para Montrone (2002), a participação de pessoas da própria comunidade permite um compartilhar de saberes populares, experiências, vivências e saberes científicos, o que possibilita conhecer as comunidades, valorizar seus problemas e reconhecer a responsabilidade das pessoas nas práticas de resolução, ampliando os saberes e despertando novos olhares.

CONCLUSÃO

A criação de grupos de apoio com mulheres da comunidade, seguindo os pressupostos da educação popular, representa uma ferramenta importante que possibilita aos profissionais de saúde e às mulheres das comunidades experienciarem a prática de uma educação libertadora, em que ação e reflexão interagem de forma solidária, pois, por meio do espaço dialógico, mulheres e profissionais estão continuamente em formação e, como seres inacabados, vão se humanizando, exercendo seus direitos de cidadãos. Do ponto de vista da promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, a formação de grupos de apoio com a própria comunidade incentiva a formação de uma cultura favorável à amamentação.

REFERÊNCIAS

- ADESSE, L. **Amamentação**: esse ato contraditório. 1994. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro 1994.
- ALMEIDA, J. A. G. **Amamentação**: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- ARANTES, C. L. S. Amamentação: visão das mulheres que amamentam. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 4, p.195-202, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CÉSAR, C. C.; LAMOUNIER, J. A.; LANA, A. P. B. Impacto de um programa para promoção da amamentação em um centro de saúde. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 3, p. 235-240, 2004.
- MONTRONE, A. V. G. **Formação de Agentes Comunitários para a promoção do aleitamento materno e da estimulação do bebê**. Barueri: Manole, 2002.
- NAKANO, M. A. S. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser “corpo para o filho” e de ser o “corpo para si”. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. 355-363, 2003.
- NAKANO, M. A. S.; MAMEDE, M. V. A prática do aleitamento materno em um grupo de mulheres brasileiras: movimento de acomodação e resistência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.7, n.3, p. 69-76, 1999.
- OLIVEIRA, M. I. C.; GOMES, M. A. S. M. As unidades básicas amigas da amamentação: uma nova tática no apoio ao aleitamento materno. In: REGO, J. D. **Aleitamento materno**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006. p.415-444.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Guia para la educación y participación comunitária em el control del crecimiento y desarrollo del niño**. Washington, DC: Oficina Sanitária Panamericana, 1988. 68p.
- PERCEGONI, N. *et al.* Conhecimento sobre aleitamento materno de puérperas atendidas em dois hospitais de Visçosa, Minas Gerais. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.15, n.1, p. 29-35, 2002.
- RAMOS, C. V.; ALMEIDA, J. A. G. Alegações maternas para o desmame: estudo qualitativo. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 5, p. 385-390, 2003.
- SILVA, A. A. M. **Amamentação**: fardo ou desejo? Estudo histórico social dos deveres e praticas sobre aleitamento na sociedade brasileira. 1990. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1990.
- SILVA, I. A. A vivência de amamentar para trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 58, n. 6, p. 641-646, nov./dez. 2005.
- SOUZA, K.S. **O dito e o não dito da amamentação de mães nutrizas na vivência do alojamento conjunto**. 2000. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

Submissão: setembro de 2008

Aprovação: dezembro de 2008
